

OS SEABEES AJUDANDO A SUPERAR A “TIRANIA DA DISTÂNCIA”* NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

JOÃO VICTOR NUNES DE SOUSA**
Engenheiro Mecânico

SUMÁRIO

Introdução
Origem
Grandes feitos na Segunda Guerra Mundial
Legado pós-Segunda Guerra Mundial
Conclusão

INTRODUÇÃO

A Segunda Guerra Mundial trouxe à tona diversos desafios às nações diretamente envolvidas no conflito. Um dos mais notórios se deu no teatro de operações do Pacífico, onde os Estados Unidos da América (EUA) precisaram

resolver o problema de prover os componentes de ordem estrutural de sua Base Logística de Defesa¹, necessários para que suas tropas combatessem, por longos períodos, em diversas longínquas ilhas, em sua maioria dotadas de densas selvas, sem construções ou outras facilidades preexistentes. Visando suprir essa

* Termo extraído do título do capítulo 5 de [1].

** Graduado e mestre em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal de Campina Grande (PB). Atua como perito criminal da Polícia Civil do Estado de Pernambuco. Segundo-Tenente da Reserva do Quadro Complementar de Oficiais da Armada da Marinha do Brasil (com curso de Especialização em Máquinas).

1 [2] define Base Logística de Defesa (BLD) como sendo o agregado de capacitações tecnológicas, materiais e humanas compondo um todo orgânico, necessários para desenvolver e sustentar a expressão militar do poder. Nesse contexto, a BLD tem componentes de ordem estrutural (instalações e recursos humanos), dinâmica (funções, processos, práticas, métodos e procedimentos) e ambiental (elementos não estruturais, tais como apoio político para defesa).

importante demanda, surgem então os Batalhões de Construção da Marinha, também conhecidos como Seabees.

Os Seabees eram unidades inovadoras, compostas por militares altamente especializados em construções diversas (estradas, estruturas metálicas, docas e edificações, entre outras), oriundos do meio civil. Essas tropas proveram com maestria a infraestrutura que contribuiu significativamente para importantes vitórias militares dos EUA na Segunda Guerra Mundial, em especial no Pacífico.

ORIGEM

A origem dos Seabees está intimamente ligada ao Almirante Ben Moreell (Figura 1). Moreell era um engenheiro civil que se incorporou à Marinha dos EUA durante a Primeira Guerra Mundial e logo mostrou notáveis talentos técnicos e de gestão. Em 1937 ele foi nomeado para o cargo de engenheiro civil chefe da Marinha e, simultaneamente, chefe do Departamento de Pátios e Docas. Essas eram posições de grande destaque para um oficial naval de apoio (*staff officer*), como Moreell².

Moreell mostrou-se um militar sempre um passo à frente e que não planejava apenas construções defensivas, mas sim o necessário para atacar os inimigos em posições avançadas no teatro de operações. Pensando nisso, no final de dezembro de 1941 (quando os EUA já haviam declarado guerra ao Japão), ele recomendou ao Presidente Roosevelt a criação de batalhões de



Figura 1 – Almirante Ben “King Bee” Moreell
Fonte: [3]

construção naval, cujos integrantes seriam técnicos recrutados da construção civil e que teriam a função de executar qualquer tipo de construção, em qualquer lugar, sob quaisquer condições ou circunstâncias. Um requisito duramente defendido por Moreell era de que o comando de tais batalhões deveria ficar a cargo de oficiais do Corpo de Engenheiros Civis, contrariando a tradição naval americana da época, que preconizava que esses comandos seriam privativos de oficiais combatentes (*line officers*). Moreell conseguiu convencer o alto comando militar de suas ideias e, em 5 de março de 1942, nasceram os Batalhões de Construção da Marinha (CBs ou Seabees³), sob comando dos oficiais engenheiros. O lema da nova unidade (Figura 2), criado pelo próprio Almirante Moreell, era *Construimus, batuimus* (Nós construímos, nós lutamos)⁴.

2 Ben Moreell (1892-1978) teve uma carreira militar brilhante. Foi promovido ao posto de almirante (equivalente a almirante de esquadra na Marinha do Brasil) em 1946, sendo o primeiro oficial não-combatente a alcançar este posto na Marinha dos EUA.

3 “Seabees” e “CBs” são homófonos em inglês. O termo “Seabees” faz referência ao mar (*sea*), ambiente típico dos militares da Marinha, e às abelhas (*bees*), que são conhecidas pelo seu trabalho em equipe.

4 O Direito Internacional tornava ilegal que civis reagissem a ataques a alvos militares. Caso isso fosse feito, os mesmos seriam tratados como guerrilheiros. Este foi um ponto que contribuiu para a criação dos Seabees, pois seus integrantes seriam construtores experientes e militares.



Figura 2 – Distintivo dos Seabees
Fonte: [4]

Vale destacar que o escopo dos Seabees era bem mais amplo que o da engenharia de combate do Exército americano na época, sendo esta última uma das suas muitas especialidades. Os militares que compunham os Seabees eram oriundos das mais diversas áreas (Figura 3), existindo numa mesma unidade experientes engenheiros, pedreiros, carpinteiros, eletricitas, mecânicos, especialistas em manuseio de cargas pesadas, estivadores, encanadores e profissionais da indústria do petróleo, entre outros. Em tese, os Seabees tinham pessoal habilitado para atender a qualquer demanda construtiva em uma área de combate [4], sendo especialistas em prover, quando necessário, adaptações aos projetos, reaproveitando materiais, inclusive os encontrados no campo de batalha.

Conseguir técnicos qualificados para integrar as fileiras dos Seabees em 1942, quando todas as demais unidades militares estavam convocando o pessoal civil, não foi tarefa fácil. Algo que facilitou as convocações foi o fato de esses batalhões terem critérios de seleção menos rígidos, sobretudo físicos. A faixa de idade para seleção nos Seabees foi ampliada de 18

para 50 anos, com média de seleção de 37 anos [5], denotando que os atributos técnicos dos candidatos selecionados eram mais importantes que os seus atributos físicos.



Figura 3 – Pôster de recrutamento para os Seabees, divulgado durante a Segunda Guerra Mundial. Fonte: [5]

GRANDES FEITOS NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

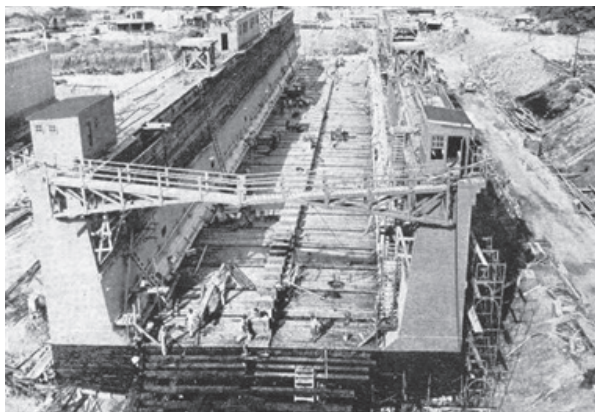
Os maiores feitos dos Seabees na Segunda Guerra Mundial se deram no Pacífico, onde se concentravam 80% de suas unidades. Os números envolvidos em suas construções (Figura 4) são invejáveis. Somente no Pacífico eles construíram 111 pistas de aterrissagem, 441 cais, tanques para armazenamento de 100 milhões de galões de combustível, abrigos para 1,5 milhão de homens e hospitais com capacidade total para 70 mil pacientes [1].



(a)



(b)



(c)

Figura 4 – Seabees construindo campo de pouso (a), desembarcando cargas de navio (b) e construindo uma doca seca (c)

Fonte: [6]

Seguindo seu conceito inicial, os Seabees eram unidades que chegavam no teatro de operações nas fases iniciais das batalhas, visando prover infraestrutura

que facilitasse a ação das tropas combatentes. Eles, por exemplo, desembarcaram junto aos fuzileiros navais em Guadalcanal, passando diuturnamente a consertar crateras produzidas por bombas no campo de aterrissagem Henderson e a destruir estruturas japonesas. Em Tarawa, sob fogo pesado, faziam as embarcações e os tanques passarem pelas barreiras de corais no momento do desembarque anfíbio.

Durante a guerra, muitas baixas foram sofridas pelos Seabees. Mais de 800 dos seus militares morreram em combate ou em decorrência de acidentes de trabalho. Mais de 2 mil foram condecorados com a *Purple Heart*, por terem sofrido ferimentos em combate.

As principais batalhas do Pacífico tiveram a presença dos Seabees, com especial destaque para a Batalha de Okinawa, em que quatro brigadas, com um total de 55 mil militares, participaram ativamente de diversos projetos de construção (hospital, pistas de pouso, depósitos, abrigos, estradas etc). A versatilidade dos Seabees era tamanha que, nesta mesma ilha, estes, auxiliados por pessoal do Exército americano, modificaram 54 tanques M4 Sherman, neles instalando lança-chamas [7]. Esses tanques modificados, que foram usados pelo Exército e pelo Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos, se mostraram

muito efetivos contra fortificações japonesas.

Quando findou a Segunda Guerra Mundial, mais de 325 mil homens tinham se alistado nos Seabees, tendo atuado em mais de 400 locais, construindo o equivalente a mais de 10 bilhões de dólares em infraestrutura [1].

LEGADO PÓS-SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Em fevereiro de 1945, o Almirante de Esquadra Ernest J. King, comandante da Marinha dos EUA, aprovou os Seabees como parte permanente da Marinha, porém, com a desmobilização geral, depois de encerrada a Segunda Guerra Mundial, a maior parte dessas tropas foi dispensada do serviço ativo. Em 1950 havia apenas cerca de 3 mil Seabees na Marinha americana [4].

Dado o seu extremo valor, comprovado na Segunda Guerra Mundial, os Seabees foram muito utilizados em conflitos seguintes, como na Guerra da Coreia e na Guerra do Vietnã.

Hoje os Seabees atuam não somente em áreas de conflito, mas também em locais atingidos por desastres naturais como terremotos e furacões (Figura 5), ampliando seu leque de atuação para ações humanitárias.

Mais de 75 anos depois da sua criação, os Seabees continuam ativos na Marinha



Figura 5 – Seabees removendo destroços em Nova Orleans, EUA, depois da passagem do furacão Katrina, em 2005

Fonte: [8]

dos EUA, sem grandes mudanças no modelo inicial proposto pelo Almirante Moreell.

CONCLUSÃO

A atuação dos Seabees a serviço da Marinha dos EUA na Segunda Guerra Mundial mostrou ao mundo a grande importância de uma força militar ter em suas fileiras tropas especializadas em construções complexas, capazes de ajudar na composição de uma Base Logística de Defesa eficiente, provendo infraestrutura primordial para o seu progresso no teatro de operações.

Os Seabees destacaram, ainda, a importância das unidades de apoio (não-combatentes) em campo de batalha, evidenciando que a integração dos diversos segmentos militares é fundamental para a eficiência na condução e para o sucesso de uma campanha.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<GUERRAS>; Guerra do Pacífico; Guerra Japão X EUA; Segunda Guerra Mundial;

REFERÊNCIAS

- [1] KENNEDY, P. *Engenheiros da Vitória: os responsáveis pela reviravolta na Segunda Guerra Mundial*. 1ª edição. Companhia das Letras, São Paulo, 2014.
- [2] BRICK, E. S. *Logística de Defesa: uma área do conhecimento de importância estratégica para a Engenharia de Produção*. 105 slides. Disponível em: http://abepro.org.br/arquivos/websites/46/Apresenta%C3%A7%C3%A3o_LOG%C3%8DSTICA_DE_DEFESA_-_ENEGEP.pdf. Acesso em: 27 de fev. de 2020.
- [3] WIKIPEDIA. *Ben Moreell*. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Ben_Moreell. Acesso em: 13 de fev. de 2020.
- [4] SEABEES MUSEUM. Disponível em: <https://www.seabeesmuseum.com>. Acesso em: 13 de fev. de 2020.
- [5] WIKIPEDIA. *Seabees in World War II*. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Seabees_in_World_War_II. Acesso em: 21 de fev. de 2020.
- [6] ROGERS, J. D. *U.S. Navy Seabees during World War II*. 76 slides. Disponível em: <http://web.mst.edu/~rogersda/umrcourses/ge342/SeaBees-Revised.pdf>. Acesso em: 21 de fev. de 2020.
- [7] ZALOGA, S. J. *US Flamethrower Tanks of World War II*. Osprey, Oxford, 2013.
- [8] U.S. NATIONAL ARCHIVES. *US Navy (USN) Seabees assigned to Naval Mobile Construction Battalion Four Zero (NMCB-40)*. Disponível em: <https://nara.getarchive.net/media/us-navy-usn-seabees-assigned-to-naval-mobile-construction-battalion-four-zero-a91811>. Acesso em: 13 de fev. de 2020.